

# ELAS FALAM: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA SOBRE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Marta Francisco de Oliveira<sup>1</sup>

Paula de Vasconcelos Rego<sup>2</sup>

**Resumo:** Em muitos períodos e sociedades, as mulheres foram vistas como personagens coadjuvantes nas representações culturais, sociais, políticas e literárias, além de serem submetidas a múltiplas violências, ao silenciamento e à invisibilização que permanecem, infelizmente, até os dias de hoje. Partimos da compreensão acerca de como as relações sociais têm se pautado na herança da normalização de ataques, agressões e inferiorização direcionadas às mulheres; afinal, a subordinação e desqualificação do corpo feminino é uma construção social, segundo as autoras Alves e Pitanguy (2022). Portanto, esta pesquisa tem por objetivo propor uma reflexão de como o protagonismo feminino busca, por meio de narrativas da escrita de mulheres e a partir do objeto estético e literário, representar a resistência e reexistência por meio de vozes que exigem e passam a ser ouvidas, resgatando histórias que foram mantidas como invisíveis. Realizamos a leitura e reflexão do conto “Gesso” presente na obra Redemoinho em Dia Quente (2019), de Jarid Arraes, e do livro Mulheres Empilhadas (2019), de Patrícia Melo, em que percebemos como os corpos femininos estão cada vez mais objetificados e compreendidos como descartáveis e matáveis.

**Palavras-chave:** Violência doméstica; narrativas; protagonismo feminino; literatura.

**Abstract:** In many periods and societies, women were seen as supporting characters in cultural, social, political and literary representations, in addition to being subjected to multiple violence, silencing and invisibility that unfortunately remain until today. We start from the understanding of how social relations have been based on the legacy of the normalization of attacks, aggression and inferiority directed at women; after all, the subordination and disqualification of the female body is a social construction, according to the authors Alves and Pitanguy (2022). Therefore, this research aims to propose a

---

<sup>1</sup> martisima@gmail.com

<sup>2</sup> pauladevasconcelos95@hotmail.com

reflection on how female protagonism seeks, through narratives of women's writing and from the aesthetic and literary object, to represent resistance and reexistence through voices that managed to be heard, rescuing stories that were kept invisible. We carried out the reading and reflection of the short story "Gesso" present in the work *Redemoinho em Dia Quente* (2019), by Jarid Arraes, and the book *Mulheres Empilhadas* (2019), by Patrícia Melo, in which we perceive how female bodies are increasingly objectified and understood as disposable and killable.

**Keywords:** Domestic violence; Narratives; Female protagonism; Literature.

## Introdução

O objetivo deste trabalho é, a partir da leitura da obra *Mulheres Empilhadas* (2019) de Patrícia Melo e do conto "Gesso" da obra *Redemoinho em Dia Quente* (2019) de Jarid Arraes, propor uma reflexão sobre o modo como mulheres exercem o protagonismo na escrita, através do exemplo das escritoras, e de outros modos, como a busca por amparo e proteção legal quando mulheres exercem seus direitos e denunciam as agressões que sofrem. Consideramos o literariamente narrado, pautado em situações semelhantes às da vida real de tantas mulheres, como um 'alçar a voz', tomar a palavra e agir para desenvolver narrativas e vivências que se inscrevem como de resistência, empoderamento, denúncia e superação de modelos de vida e existência subordinados e submissos a uma relação de poder estabelecida em nossa sociedade em sua estruturação patriarcal, racista e capitalista.

Historicamente, as mulheres foram submetidas a violências múltiplas e políticas de invisibilização e silenciamento, como um processo ideológico, cultural, religioso, etc, eficiente no que diz respeito a promover e propagar um sistema de ordenação da sociedade a partir de critérios principalmente de raça, gênero e propriedade/acumulação de capital e seus desdobramentos, inclusive de base moral e religiosa. De fato, relembramos discursos de exclusão consolidados em pensamentos e comportamentos em nossas sociedades, como, por exemplo, a ideia de que 'o silêncio é adorno para as mulheres', uma frase encontrada em um livro considerado sagrado por muitas pessoas, a Bíblia. Assim, até mesmo o discurso religioso, em suas variadas vertentes, impôs e impõe

essa ideia ao modelo moralmente aceito, vedando espaços de fala e liderança às mulheres, embora em anos mais recentes tenhamos observado algumas mudanças<sup>3</sup>.

Deste modo, desde nosso título buscamos romper com tais imposições: ‘elas falam’ é a porta de entrada para a construção de uma vontade de pesquisa e reflexão na qual buscaremos verificar alguns dados sobre a violência contra mulheres no Brasil e estabelecer uma leitura, pelo viés da literatura, dos modos como as vozes femininas tratam, artisticamente, de tal tema. Ao lado de dados reais de uma realidade cruel, a potência da literatura, com seu poder de expressão e sensibilidades, promove uma via de acesso a saberes e diálogos essenciais para a promoção de relações pautadas em respeito e igualdade.

A partir do objeto estético, literário, e de pressupostos teóricos que depreendemos das considerações feitas pelas autoras Branca Moreira Alves e Jacqueline Pintaguy em seu livro *Feminismo no Brasil: memórias de quem fez acontecer* (2022), iniciamos a compreensão acerca de como nossa sociedade se constitui pela normalização de ataques, agressões e inferiorização direcionadas às mulheres. Segundo as autoras, a subordinação e desqualificação do corpo feminino é uma construção social, presente em nossa história desde os primórdios da colonização, e “resgatar as histórias das mulheres que por muitas vezes foram mantidas invisíveis é, portanto, parte indispensável à luta por revelar, entender e superar a discriminação” (ALVES; PINTAGUY, 2022, p. 26).

Vale destacar que pode haver uma reação positiva, entendida como a busca pela reexistência, ou seja, modos de lidar com o sofrido e buscar alternativas de vida e trabalho. De fato, tal discussão vem sendo abordada cada vez mais por meio da escrita literária e, principalmente, pela escrita de autoria feminina. Entre tantas vozes que foram silenciadas e tantos textos que não foram lidos, o viés de um rastreamento crítico e a construção de uma literatura escrita por mulheres vem se desenvolvendo no Brasil e, nos últimos anos, as vozes femininas estão sendo resgatadas cada vez mais, com força, sensibilidade e sobretudo valor estético.

Sendo assim, no contexto contemporâneo e literário, este trabalho tem como objetivo explicitar e amplificar as potencialidades da literatura de autoria feminina,

---

<sup>3</sup> Como exemplo, surgiram os títulos e exercício de liderança espiritual de ‘pastora’, ‘missionária’, etc, sobretudo dentro do cristianismo protestante, na vertente ‘evangélica’, e há mulheres indígenas que se tornam caciques, com poder político mas também influência religiosa, como ocorreu na Aldeia Urbana Marçal de Souza, em Campo Grande, MS, com a cacique Enir Terena (Enir da Silva Bezerra), a primeira mulher a exercer tal posto em Mato Grosso do Sul, ou talvez a primeira no Brasil, segundo o professor de artes Diogo Ajala, responsável pelo documentário *25 anos - aldeia urbana Marçal de Souza* (2020). No material disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=F8Zx8uT8ilQ>, produzido pelo Inter MS Cultura, pode-se ver a brevíssima entrevista da fundadora e cacique Enir Terena, falecida em 2016.

buscando alguns textos que retratam de modo cru e pautado no real a submissão do corpo da mulher, o seu silenciamento e a culpa que tantas carregam por causa da opressão masculina. Refletimos, também, como a literatura estabelece um paralelo entre o social, o cultural, o político, o ético, o estético, o histórico e o religioso, podendo dar voz a tantas outras mulheres que necessitam entender e romper o ciclo de violência no qual estão imersas.

## **O olhar literário: a autoria feminina como forma de reexistência**

No Brasil, há diversas autoras que representam a temática feminina por meio do protagonismo de mulheres a partir de suas escritas e narrativas. Em um estudo sobre a violência e feminicídio, tomamos como referência o conto “Gesso”, da obra *Redemoinho em Dia Quente* de Jarid Arraes e o romance *Mulheres Empilhadas* de Patrícia Melo, nos quais as autoras identificam a objetificação do corpo feminino e a ‘licença para matar’ retratada em situações de poder na relação desigual homem/mulher.

Escritora, poeta e cordelista, nascida em Juazeiro do Norte em 1991, na região do Cariri, Jarid Arraes é uma autora atuante na cena literária brasileira. Sua literatura é um espaço onde a escritora se sente à vontade para falar do seu povo, da sua cultura e da região em que nasceu e cresceu. No livro *Redemoinho em Dia Quente* (2019), a presença das mulheres ocupa cem por cento do espaço nos contos, e podemos perceber a maneira singular que a escritora apresenta as suas personagens, com a necessidade de mostrar os corpos e ouvir as vozes que sempre foram silenciadas e estereotipadas. De certo modo, a leitura nos coloca em contato com narrativas em primeira pessoa e que, independentemente de um texto ser mais cômico ou ser de uma tristeza inesperada, de algum modo somos forçadas (mesmo que involuntariamente) a reconhecer um referencial e dirigir o olhar para a realidade circundante, às vezes com um olhar crítico, mas também com certo grau de empatia.

O conto “Gesso” é constituído pelo relato de uma mulher que não é exatamente o modelo de calada submissão diante das agressões de um homem; o texto se inicia apresentando os costumes locais referentes a aspectos religiosos – entendemos que sua ambientação é o nordeste brasileiro, em regiões não exatamente centrais, como cidades do interior ou bairros periféricos de uma capital de estado. Devotas de santos, muitas pessoas costumam sempre lhes fazer homenagem, em casa, pela rua ou na igreja. Assim, a personagem narradora, Doralice, comenta que sempre achou bonita a cerimônia realizada pelas vizinhas, diz que não acredita, mas que gosta de estar lá, entre amigas e conhecidas. No dia da cerimônia do Sagrado Coração de Jesus, na casa de Socorro, a personagem tinha

esquecido de ir se encontrar com Sérgio, seu namorado. Doralice comenta que Sérgio era horrível, não de aparência, mas por causa das coisas que ele fazia como, por exemplo, xingar e descontar sua raiva nela:

No começo só xingava, me chamava de burra. Colocava na cabeça que eu estava dando moral pra outro e dizia que eu era uma quenga. Muita ênfase. Eu sempre respondia, não ficava calada. Só chorava em casa. Mas aquilo foi me dando medo e mais medo, porque Sérgio foi piorando os xingamentos e depois começou a me apertar pelo braço e sair me puxando até me deixar em casa. (ARRAES, 2019, p. 78).

E como isso se repetia todos os dias, a vizinhança já estava acostumada e nem se importava mais - um dado importante que repete a normalização de relações abusivas entendidas como de foro privado, que ninguém deve 'meter a colher', ou porque a mulher 'gosta' da situação e permanece no relacionamento 'porque quer'. Diante da constituição da narrativa, percebemos a representação/reprodução de um sertão nordestino ligado a tradições com comportamentos arraigados no poder do macho, usando a expressão de Safiotti (1987), em que, para muitos, é "normal" ver a mulher sofrer agressões de seu marido ou companheiro. A personagem ainda narra: "A rua inteira assistia, mas Sérgio se tornou corriqueiro. Tinha gente que já nem levantava a vista, só continuava varrendo a calçada, dando água pras plantas e trazendo os meninos da creche". (ARRAES, 2019, p. 91). Percebe-se, então, que a normalização da autoridade masculina prevalece: como 'dono' daquele corpo feminino que se narra, não há estranheza na posse e no abuso, conforme a construção do texto literário.

Por ter sido esquecido pela personagem, Sérgio apareceu com raiva e queria levar Doralice embora, mas ela não quis ir, porque se fosse saberia que ia morrer de tanto que Sérgio ia machucá-la. Sendo assim, como estratégia, fez-se ocupar nos afazeres da festa religiosa e continuou ajudando a servir os convidados, até que Sérgio desistiu da espera e foi embora. Este é um ponto de tensão importante dentro da narrativa: é o momento em que, sozinha, a aparentemente descrente ou não devota Doralice diz ouvir a própria Santa falar com ela, anunciando sua morte naquele mesmo dia. "Então levei a bandeja de sequilhos pra sala e sentei numa cadeira que puxei pro lado da Santa. Parecia que ela cochichava o tempo todo que eu ia morrer. Tu vai morrer, Doralice. De hoje não passa, Doralice. Mas eu te espero no céu, Doralice." (ARRAES, 2019, p. 80). Olhar a Santa e pensar em sua situação, após a estratégia de permanência na casa de Socorro para evitar ter que enfrentar a raiva de Sérgio, parece funcionar como um convite à reflexão, uma busca por uma saída possível, não consciente: não é uma das vizinhas ou amigas quem

tenta ajudá-la; é um buscar outra forma de existência - de reexistência - que a incita a ouvir/imaginar a suposta voz da santa, como uma introspecção. E, por esse motivo, decide ficar lá a noite toda sentada e rezando - ela, que sequer crê, pois já havia mencionado uma preocupação com os aspectos estéticos e sociais da festa, não uma verdadeira devoção.

No conto não há menção direta, mas a leitura nos impele a compreender que a personagem Doralice já sabia que possivelmente iria morrer uma hora ou outra pelas mãos de Sérgio, devido aos constantes maus-tratos e a sua própria compreensão de que estava em um processo de gradativo aumento da violência que sofria. Mas, sua fragilidade é evidente, pois sua condição de mulher naquela comunidade não lhe garante auxílio por parte de ninguém. Sob o viés das crenças evocadas no conto e das narrativas que vinculam os planos terreno e espiritual, não se descarta a possibilidade de que, no momento em que precisava urgentemente de ajuda, algo pouco comum ocorresse como alerta para a protagonista: poder ouvir a Santa implica uma ajuda inesperada, embora não real, ou exterior. Assim, o 'alerta' da Santa surge de outra esfera, como uma conversa consigo mesma, um sentido a mais que a deixa mais plenamente consciente das terríveis consequências daquela relação abusiva. Estar sentada, sem companhia real, a faz refletir e enfrentar seus medos e um perigo iminente. Para viver, será necessário tomar ação, resistir para reexistir.

Por outro lado, percebemos que a autora também problematiza a questão do machismo e da religião como construções discursivas nas quais, tempos atrás, a busca pelo domínio da mulher levou a Igreja e as relações sociais e culturais a adotarem um caráter antifeminista. De fato, Doralice começou a questionar: "O que significava ser mulher na época de Maria, se era só engravidar do Espírito Santo e parir, ou se José também lhe puxava pelo braço e soltava xingamentos quando o dia estava num pé ruim." (ARRAES, 2019, p. 80). Portanto, nada na construção do texto se afasta de uma concepção intencional que questiona a forma de organização das relações sob o aval dos discursos que se propagaram/propagam pelo viés patriarcal e machista, mesmo que dissimulado, diluído e quase não reconhecido.

A noite passou e Doralice continuou rezando. No dia seguinte, Sérgio voltou para levá-la para casa; ela não queria ir, chorou e ouviu os xingamentos dele enquanto este a segurava pelo pescoço depois de quase ter-lhe quebrado o rosto - ou seja, de fato a agressão violenta se concretiza, indicando intenções mais perigosas. A dona da casa quer pedir ajuda, mas percebe ser tarde demais. Então, Doralice se aproveita que Sérgio lhe dá as costas e pega a imagem da Santa para se defender:

Sérgio afrouxou a mão do meu pescoço e eu despenquei na cadeira. Bora, mulher, que eu quero meu cuscuz. Ele foi caminhando na frente e me deu as costas. Aí eu não pensei duas vezes. Santinha, me perdoe, mas é a Senhora que vai resolver esse caso pra mim. Peguei a estátua com a mão direita e lasquei uma cacetada na cabeça de Sérgio. (ARRAES, 2019, p. 81).

O ponto de tensão neste conto apresenta um certo alívio para os leitores por não se tratar da morte de Doralice. Apesar da Lei do Feminicídio (Lei 13.104/15) ter contribuído para que a população brasileira, em conjunto com as esferas governamentais e jurídicas, se desse conta da enorme quantidade desses crimes, sabemos que a realidade demonstra que o assassinato de mulheres continua a acontecer e aumentar de maneira alarmante. Em situações extremas, que a agressão se reverta e em legítima defesa uma mulher deixe de ser a vítima não é, realmente, um alívio, mas é um ‘pelo menos’, propiciando certa amenização no desconforto coletivo que uma situação com fatalidade gera. A Santa, indiretamente, resolve a questão quando é a personagem, a mulher agredida, quem se arma e desfere o golpe. Há um jogo discursivo que une o plano físico com o espiritual, o ‘livramento’ alcançado através de quem teria autoridade para intervir, de modo aceitável, quase inquestionável. De certo modo, há a mimetização – irônica – de uma imposição da vontade feminina sobre a masculina no único plano permitido: acima da forma de organização sociocultural dos homens, pois advém do plano divino, da santa que intercede em prol da mulher.

A partir desta primeira consideração, estabelecemos um paralelo com nossas primeiras impressões de leitura do romance *Mulheres Empilhadas* publicado em 2019, de Patrícia Melo, que dialoga com o conto de Arraes na questão da violência contra a mulher; entretanto, o tema central de sua narrativa é o feminicídio, concretizado, sem a alternativa de escape que a escritora nordestina apresenta para sua personagem.

Patrícia Melo é uma escritora contemporânea, roteirista, artista plástica e dramaturga de São Paulo, nascida em Assis em 1962, que recebeu um pedido da Editora Leya para a criação de uma narrativa que representasse os aspectos da vida da mulher brasileira. Sendo assim, a escolha da autora se dá pela repercussão e a grande quantidade de casos de violência contra mulheres, principalmente no estado do Acre, onde acontece a maior parte da história. *Mulheres Empilhadas* é dividido em capítulos numerados de 1 a 11, e ao longo da narrativa há referências a assassinatos reais, alguns apresentando nomes completos das vítimas, suas idades e de que maneira foram mortas. E nos capítulos de A a Z o leitor pode acompanhar toda a trama. Além disso, nota-se a capa do romance, um texto inserido como composição de um encaminhamento de leitura que rompe com a visualização do corpo feminino íntegro, composto: o que vemos é uma colagem

“imperfeita”, pois não mantém a unicidade e a harmonia, que une o nascimento da Vênus de Botticelli à pintura do nascimento de Oshun de Harmonia Rosales, representando as mulheres reais, independentemente de sua cor ou raça (MORAIS, 2021), mas expressando esteticamente o empilhamento de corpos femininos, objetificando-os como algo inanimado, sem vida própria.

No título, a autora faz referência a inúmeras mulheres que são mortas diariamente, como se formassem uma pilha descartável; quanto àquelas que são mencionadas no texto, também se tornam um montão, uma pilha de processos que se acumulam quando a personagem vai a um tribunal no estado do Acre acompanhar um mutirão de julgamentos. Entretanto, a maioria desses processos jurídicos demonstra como a impunidade é uma constante, acarretando o empilhamento – coisificação – de mulheres que buscaram ajuda e, sem recebê-la, acabaram sendo assassinadas, descartadas.

O que se relata no início do romance acontece após a protagonista, uma advogada paulistana (única cujo nome não é identificado), levar um tapa do seu ex-namorado Amir e decidir se mudar para Cruzeiro do Sul, um município no interior Acre, próximo à fronteira com o Peru, para acompanhar uma série de julgamentos sobre as vítimas de feminicídio da região, trazendo de volta a ferida não cicatrizada de uma filha que teve sua mãe morta pelo próprio pai. Nesse respeito, ressaltamos aqui um detalhe que revela a repetição de um ciclo, pois a situação aconteceu tanto com a mãe quanto com a protagonista: a violência praticada por alguém que conhecia, alguém com quem estabeleciam relações de afeto e convivência.

Essa advogada, quando criança, teve sua mãe abusada e assassinada pelo companheiro, pai da personagem, depois que se separaram; entretanto, é somente após o inquérito que a filha descobriu o que realmente acontecera. Sua avó, Yolanda, com quem ficou depois da prisão do pai e da morte da mãe, comenta que nunca soube de nada, que a filha sempre vivera em silêncio, e que gostava daquele homem. Além disso, ainda comenta:

Seu pai era um homem inteligente, socialmente agradável, ninguém podia imaginar que ele maltratava sua mãe, muito menos que fosse capaz de tramar a morte dela. Por vezes ia à nossa casa, pedir ajuda, pedir conselhos, ele não queria a separação de forma nenhuma. (MELO, 2019, p. 232).

Diante disso, percebemos que quando a protagonista leva um tapa do ex-namorado é como se toda a história estivesse se repetindo, já que ela também nunca imaginou que seria agredida por alguém no qual tanto confiava, no caso da mãe, ou em quem até então apenas vira um lado gentil, educado, um homem com boa formação educacional:



(...) e enquanto ele apertava meus braços, me prensava contra o mármore frio na parede, eu não respondia, não conseguia reagir, na verdade não consigo entender que era eu mesma quem estava vivendo aquela cena de novela barata, euzinha que tinha diante de mim aquele delicioso parceiro sexual, um homem atlético, culto, cheio de humor, a quem eu começara a chamar de namorado havia poucos meses, e que até então era tão cortês, respeitoso e amável quanto eu desejava que um namorado pudesse ser, e que continuava gritando, numa fúria possessiva e sem motivos. (MELO, 2019, p. 11).

Você não imagina que um cara como este (...) vai acabar enfiando a mão na sua cara no banheiro de uma festa de fim de ano de advogados. (MELO, 2019, p. 17).

E o silêncio que sua mãe manteve até a morte (ou seja, que contribuiu para tal desfecho) mais uma vez se repete quando a protagonista aceita a proposta de viajar para o Acre para ficar longe de seu agressor sem contar para ninguém o real motivo que a fez tomar essa decisão. Na verdade, não se trata apenas de uma distância para ter proteção, mas se torna um divisor de águas ou, como a autora menciona na obra, para a protagonista o tapa surtiu efeito como uma espécie de renascimento da ‘morte que havia dentro da personagem desde sua infância’, por causa das circunstâncias da morte da mãe (MELO, 2019, p. 23).

No decorrer do romance, a advogada vai conhecendo novos lugares e pessoas, e olhando para si mesma como uma forma de autoconhecimento e reconhecimento, que proporcionará um resgate de sua memória e modos de persistir e resistir a tudo que viveu e o que está vivendo. Mas, durante esse processo, ela percebe que “não importa onde você esteja, não importa sua classe social, não importa sua profissão, é perigoso ser mulher” (MELO, 2019, p. 75). De fato, Jozane Faleiro, no site Sempre um papo - literatura em todos os sentidos, menciona:

Patricia Melo é a convidada do Sempre Um Papo para o debate e o lançamento do livro “Mulheres Empilhadas”, uma obra de ficção, mas que todas as personagens existem de fato. As protagonistas dessa história são as mulheres. Todas elas: as já feitas e as meninas, as gordas e as magras, as negras e as pardas, as indígenas e as descendentes de imigrantes, as analfabetas e as com grau universitário. Nesse romance intenso, que se lê de um fôlego só e que acompanha a trajetória pessoal de uma advogada, Patrícia Melo fala sobre a matança sistemática de mulheres no Brasil, que atinge democraticamente todas as classes sociais. (FALEIRO, 2022, s/p).

A triste realidade adentra a ficção para novamente mostrar a imposição da necessidade de resistência contra uma cultura da opressão e das múltiplas violências que se naturalizam nos comportamentos masculinos contra as mulheres. Além disso, Patrícia Melo, em sua obra, amplia as possibilidades de discussão ao abordar diversas questões como, por exemplo, as fases que as mulheres passam por causa da violência, no processo de escalada e alternância entre formas sutis, pedidos de desculpas, agressões físicas e verbais, arrependimentos, culpas e agressões maiores... Além disso, também descreve quais são os motivos da violência, por quem aquelas mulheres são mortas e, principalmente, como os corpos femininos são matáveis e objetificados pelos homens de modo geral, de maneira crua e carregada de ódio.

Ao aceitar a proposta de acompanhar mutirões de julgamento com mulheres vítimas de violência em Cruzeiro do Sul, o primeiro julgamento que a protagonista presencia é o caso de Txupira, uma indígena que foi morta por três rapazes brancos e de classe média que, durante o julgamento, disseram que ‘não tinham a intenção de estuprar, nem matar; queriam apenas se divertir ou assustar’ (MELO, 2019, p. 36). Essa é uma situação que reaparece diversas vezes durante o romance, a alegação de não intencionalidade no ato criminoso; em outras, há relatos de mulheres que foram mortas porque “não obedeceram” seus maridos, como é apresentado no capítulo 8: um caso real de uma mulher que foi assassinada pelo parceiro por causa do volume da televisão; ou como outra foi assassinada por não patrocinar a cachaça do marido; ou ainda mais uma mulher agredida fatalmente porque tinha uma foto de biquíni no celular. E, quando tais casos são levados ao tribunal depois de anos, os processos não demoram sequer três horas para serem julgados e a desculpa do agressor é sempre que ele estava bêbado, que a mulher o irritou ou que o provocou – ou seja, a aceita-se que a culpa é dela – e que por isso ele agiu em legítima defesa.

A advogada paulistana, durante o tempo em que esteve no Acre, observou diversos julgamentos sem sucesso na execução da justiça, ressaltando:

(...) nós, mulheres, morremos como moscas. Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam. Querem diversão e nos matam. (...) O curioso é que não matamos. Incrível como matamos pouco. Deveríamos, dadas as estatísticas do quanto morremos, matar muito mais. (MELO, 2019, p. 72).

Entretanto, responder com violência não é opção; ao final do romance a advogada resolve se valer da pilha de mulheres mortas que acompanhou no julgamento, juntamente com a história da sua mãe e a sua própria, para trabalhar nesses relatos com a intenção de

descrever tudo que tinha acontecido no Acre e dar espaço para que outras histórias se constituíssem, a fim de criar novas perspectivas através daquelas vivências e experiências. Paralelamente, lembramos da culminância do conto “Gesso”, de Jarid Arraes, em que se comprova o quanto as reações das mulheres empalidecem diante da fúria assassina de tantos homens: Doralice age em defesa própria, mas é basicamente uma exceção à regra.

No cenário onde se ancora uma pilha de mulheres mortas é possível vislumbrar elementos que, por um lado, nos permitem questionar as representações do feminino social e culturalmente construídas, inclusive com efeito legal, e, por outro, observar e promover formas de resistência e reexistência empreendidas pelas mulheres em contextos geoistóricos tradicionalmente invisibilizados/invisibilizadores (BARBOSA, 2021). Como proposta de coalizão, segundo María Lugones, é preciso não apenas ler literatura, refletir a partir do objeto estético ou estar a par quanto a dados estatísticos e relatos de violência. É preciso estabelecer modos de atuação que forneçam tanto amparo eficiente como alternativas e prevenção, agindo em conjunto, agregando esforços práticos e teóricos. Sendo assim, dar visibilidade através de processos de escrita e escuta é, ainda, enfrentar a grande lacuna da história das mulheres em nossas próprias histórias oficiais, nacional ou local.

Quando reivindicamos a presença das mulheres na historiografia, buscamos superar a lacuna deixada pela invisibilidade à qual foram submetidas pela história única oficial, por sua vez imposta pelo sistema moderno/colonial de gênero (LUGONES, 2008). Entretanto, ao analisar a obra *Redemoinho em Dia Quente* (2019) e *Mulheres Empilhadas* (2019), percebemos que há múltiplas histórias de mulheres que podem ser contadas em primeira ou em terceira pessoa, quer dizer, por si mesmas ou por meio de outras/outros que tomam/exigem a voz ou a escrita, buscando modos de resistência e, principalmente, tentando recriar vivências e relatando experiências, em um esforço de resignificação, de opção por modos outros de vida, de reexistência, resistência e superação.

Jarid Arraes e Patrícia Melo apresentam em suas obras questões reais que assombram a sociedade porque trazem uma ideia de finitude e descarte para grande parcela da população que a compõe. A voz de Doralice e da advogada paulistana evidenciam os atos invisíveis das mulheres que, como tantas outras, buscam dia a dia encontrar o lugar onde possam viver sem os estereótipos que foram impostos desde séculos passados, construídos sobre pilares equivocados e preconceituosos, pautados em uma lógica exploratória e desigual, e que sejam vistas como mulheres únicas e não como objetos ou “moscas”, elimináveis e substituíveis, sem valor e dignidade. Nesse sentido, observamos a importância, através do objeto estético e literário, das narrativas e do processo de escuta como forma de recuperar as memórias e os aspectos vividos, fazendo

com que se ampliem as experiências através de tais histórias, havendo uma troca e cumplicidade de projetos conjuntos que as fortaleçam e garantam seu direito à fala, à vida, às suas escolhas.

A partir das leituras feitas para o desenvolvimento deste trabalho, levando em consideração a análise e os diálogos vislumbrados a partir das obras, entendemos que a literatura se revela como um meio de reflexão necessário para que não nos deixemos levar pelos estereótipos implantados de que ser mulher é ser 'invisível', demonstrando a necessidade de, pelo viés estético, da arte e da literatura, continuarmos promovendo a humanização e as sensibilidades para valorização de mulheres e outros grupos em geral deixados à margem e subjugados pelas relações de poder na sociedade. A promoção de leituras e debates de obras como as das escritoras Jarid Arraes e Patrícia Melo preza por vidas e significa criar e ampliar espaços literais e simbólicos de trabalho conjunto de resistência que promovam relações mais justas e igualitárias.

O protagonismo feminino presente em tais obras ressignifica a força e a busca pela reexistência de mulheres, tanto em aspectos de escrita como de vida que precisam ser valorizadas. Que busquemos formas de conexão com e entre mulheres, em especial aquelas atingidas pelas múltiplas violências, mas não apenas; é necessário ampliar os modos de discussão e proposição de alternativas entre todos em nossa sociedade. Que homens, mulheres e outras/todas orientações e gêneros, de todas as classes, idades, raças e grupos entendam e promovam a democratização do respeito e da dignidade humana, para que o que se empilhe e se engesse, ou a que se recorra, seja a valorização de cada corpo, mente e escolhas de cada sujeito/indivíduo em todas as relações.

## Referências

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **Feminismo no Brasil** – histórias de quem fez acontecer. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

ARRAES, J. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BARBOSA, V. L. E. ANPUH-BRASIL - 31º **Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ**. 2021.

FALEIRO, Jozane. “Patricia Melo fala de Mulheres empilhadas no Sempre um papo”. Disponível em: <https://sempreumpapo.com.br/patricia-melo-fala-de-mulheres-empilhadas-no-sempre-um-papo/>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

LUGONES, M. “Colonialidad y género”. **Tábula Rasa** [online], v. 9, p. 73-102, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt).

MELO, Patricia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019.

MORAIS, Raquel Souza. **Resenha de Mulheres Empilhadas, Patricia Melo**. Disponível em: <https://escritossuspeitos.com.br/2021/04/01/resenha-de-mulheres-empilhadas-de-patricia-melo-raquel-souza-de-morais/>.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo. Moderna. Coleção Polêmica, 1987.